

# A Maçaneta

Quando era pequeno, a maçaneta da porta do meu quarto abria pra cima. Era tão surreal. E não era um garoto arteiro, mas passava dias trancado lá. De castigo. Minha tia era muito brava e eu morava com ela. Se falasse mais alto no apartamento, mais alto que a tevê, eu ia pra clausura.

Nesses dias, ouvia-se apenas o barulho da tevê dentro da casa. Meu primo não brincava, solidário a mim. E nem falava com a mãe, solidário à causa. Ela não ligava. Quanto mais silêncio, melhor. Assim não atrapalhávamos sua novela. Nem perdia a conta no tricô. E a maçaneta não subia.

Nesses dias eu ficava na janela, ajoelhado numa cadeira, observando a vida. O prédio da frente tinha muitas sacadas. Havia uma senhora que passava as tardes numa dessas sacadas. Fumava desesperadamente. Sempre me dava largos sorrisos e tchauzinhos furtivos. Nunca vi ninguém com ela. Ninguém a visitava, parecia. Devia ser sozinha. Adoraria ser seu neto. Seríamos mais felizes, ela e eu. E não haveriam castigos de porta fechadas.

Nesses dias, sentia muita fome. Às vezes, raramente, a tia saía. Para comprar mais. E finalmente a maçaneta subia. Era o primo. Trazia comida, água e brincadeiras. Ríamos, gritávamos, corríamos. Os vizinhos surpreendiam-se. Havia vida naquele lugar. Mas a tia logo voltava. O griteiro cessava e a maçaneta descia. Retornava o primo ao sofá. Retornava eu à janela.

Nesses dias, gostaria de fazer como os gatos. Descer os lances de sacada e ganhar a noite. Ninguém saberia, só o primo. Eu o levaria comigo. Fugiríamos dali. Essa ideia tomou mas

pensamentos. Fugir dali. Mas como? Matutava e observava. A velhinha simpática. A empregada limpando vidraça. O cachorro de língua de fora. Uma vez vi um homem e um mulher pelados brincando. Achei tanta graça. Ri baixinho vendo os dois. E voltei aos gatos.

Nesse dia, tive um estalo. Esperei a tia sair. Demorou, mas ela saiu. Comi alguma coisa e ficamos à beira da porta esperando a tia voltar. Ouvimos a chave entrar na fechadura. E girar. A maçaneta baixou. A porta entreabriu. Escancarei-a com o coração na boca, peguei a mão do primo e puxei. Atropelamos, derrubamos a tia. Corremos escada abaixo. Ganhamos a rua. Suspirei o ar leve de felicidade. A tia não nos alcançou. Nem sei se ficou atrás.

Nesse dia, a maçaneta que tanto esperei subir, desceu abrindo portas no meu peito. Foi tão surreal.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/a-macaneta>